

[p.1]

Lisboa 27 Maio de 1939

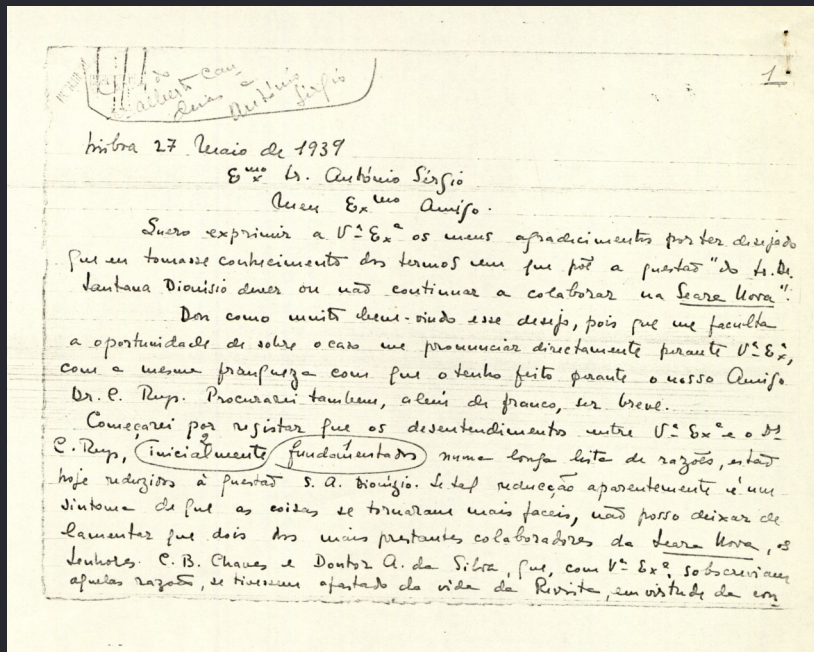
Exmo Sr. António Sérgio

Meu Exmo Amigo.

Quero exprimir a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> os meus agradecimentos por ter desejado que eu tomasse conhecimento dos termos em que põe a questão "do Sr. Dr. Santana Dionísio dever ou não continuar a colaborar na Seara Nova".

Dou como muito bem-vindo esse desejo, pois que me faculta a oportunidade de sobre o caso me pronunciar directamente perante V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, com a mesma franqueza com que o tenho feito perante o nosso Amigo Dr. C. Reys. Procurarei também, além de franco, ser breve.

Começarei por registar que os desentendimentos entre V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> e o Dr. C. Reys, fundamentados inicialmente numa longa lista de razões, estão hoje reduzidos à questão S. A. Dionísio. Se tal redução aparentemente é um sintoma de que as coisas se tornaram mais faceis, não posso deixar de lamentar que dois dos mais prestantes colaboradores da Seara Nova, os Senhores C. B. Chaves e Doutor A. da Silva, que, com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, subscreviam aquelas razões, se tivessem afastado da vida da Revista, em virtude da con-



vicção expressa, em que estavam, de que elas eram na totalidade insanas e, se não me enganarem considerando de todas a menos importante a questão suscitada pela polémica havida entre V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> e S. A. Dionízio. Ora este facto parece-me perturbador das tentativas, ainda não descontinuadas, de solução do conflito. Afigura-se-me, com efeito, que a redução [de] desentendimentos entre V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> e o Dr. C. Reys, perante esta circunstância, em vez de simplificar o caso, pode deixar temer que, mesmo que a questão S. A. Dionízio fôsse satisfatoriamente liquidada, todas as outras razões de discordância entre os dois viessem a refluír e tudo voltasse a complicar-se. Seja, porém como fôr: singularizada a questão e' assim que a devemos tratar.

Para ser claro declaro já, como o tenho feito perante o Dr. C. Reys e outras pessoas, que na mal fadada discussão: A. Sérgio — S. A. Dionízio, e' V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> quem me parece estar em melhor campo. Mas, não pelo que, na citada polémica possa ter havido de indisciplina da parte daquele Senhor para com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, nem, em verdade, pelo próprio assunto dela. Não julgo que as pessoas que estejam dentro da Seara Nova tenham de se guiar por considerações de anti-função ou hierarquia, por normas de deferencia disciplinares ou por outras quaisquer normas nas suas relações mútuas, que não sejam as de boa educação e da decência. Também não julgo que, dentro de certos limites, haja assuntos vedados ao tratamento por qualquer dos colaboradores da

[p.2]

vicção expressa, em que estavam, de que elas eram na totalidade insanas e, se não me enganarem considerando de todas a menos importante a questão suscitada pela polémica havida entre V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> [e] S. A. Dionízio. Ora este facto parece-me perturbador das tentativas, ainda não descontinuadas, de solução do conflito. Afigura-se-me, com efeito, que a redução [de] desentendimentos entre V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> e o Dr. C. Reys, perante esta circunstância, em vez de simplificar o caso, pode deixar temer que, mesmo que a questão S. A. Dionízio fôsse satisfatoriamente liquidada, todas as outras razões de discordância entre os dois viessem a refluír e tudo voltasse a complicar-se. Seja, porém como fôr: singularizada a questão é assim que a devemos tratar.

Para ser claro declaro já, como o tenho feito perante o Dr. C. Reys e outras pessoas, que na mal fadada discussão: A. Sérgio — S. A. Dionízio, é V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> quem me parece estar em melhor campo. Mas, não pelo que, na citada polémica possa ter havido de indisciplina da parte daquele Senhor para com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, nem, em verdade, pelo próprio assunto dela. Não julgo que as pessoas que estejam dentro da Seara Nova tenham de se guiar por consideração de antiguidade ou hierarquia, por normas de deferencia disciplinares ou por outras quaisquer normas nas suas relações mútuas, que não sejam as de boa educação e da decência. Também não julgo que, dentro de certos limites, haja assuntos vedados ao

[cont. p.2]  
tratamento por qualquer dos colaboradores da

vícios expressa, em que estavam, de que elas eram uma totalidade em  
suaveis e, se não me enganam considerando de todas a menos impor-  
tante a questão suscitada pela polêmica havida entre V.º e S.º A. Dionísio. Com este facto parece-  
me perturbador das tentativas, ainda não descontinuadas, de diálogo do con-  
flito. Afirma-se-me, com efeito, que a redução de entendimento entre V.º e  
o Dr. C. Ruy, perante esta circunstância, em vez de simplificar o caso,  
pode deixar tender para, mesmo que a questão S.º A. Dionísio fosse  
satisfatoriamente liquidada, todas as outras razões de discordância entre  
os dois viessem a refletuar e tudo voltasse a complicar-se de novo, porém  
como foi: simplificada a questão e assim que a devemos tratar.

Para ser claro declaro já, como o tenho feito perante o Dr. C. Ruy e  
outras pessoas, que na geral falada discussão: A. Lúcio - S.º A. Dionísio,  
e V.º quem me parece estar em melhor campo. Mas, não pelo que  
na citada polémica possa ter havido de indisciplina da parte de  
de Lúcio para com V.º, nem, em verdade, pelo próprio assunto dela.  
Não julgo que as pessoas que estejam dentro da letra Viva tenham de se  
guiar por considerações de anti-função ou hierarquia, por normas  
de diferenciação disciplinares ou por outras quaisquer normas que  
suas relações de entros, que não sejam as de boa educação  
e de decência. Também não julgo que, dentro de certos limites,  
haja assuntos vedados ao tratamento por qualquer dos colaboradores da

[p.3]

Seara Nova, mórmente se o fazem fóra dela. O assunto que originou a polémica era, porventura, e sob mais de um aspecto, irrelevante. Mas desde que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> nele entrou, inicialmente por razões e com vivacidade respeitáveis e depois tão dilatadamente, legitimou-o como assunto de controvérsia. A superioridade na posição de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> está, a meu vêr, na inferioridade da atitude desde logo assumida pelo Sr. S. A. Dionízio. Ele deveria saber ou prevêr que a discussão da pessoa que o ocupava, dificilmente poderia manter-se no campo da apreciação das suas faculdades intelectuais e da sua obra, tanto, numas e na outra, estavam impressas as dedadas de sua personalidade moral: o homem tinha, segundo muitas probabilidades, de vir à discussão. Devia pois atender a que sobre o homem e a obra (por obvios<sup>xx</sup> motivos políticos) não se podia<sup>xx</sup> dizer tudo. Mas esta falta é nada, comparada com a feia acção de, sem nenhuma<sup>xx</sup> caridade, se ter socorrido, na argumentação, de imprecisas opiniões de uma pessoa cujo isolamento devia ser sagrado. Na ância da verdade? Não importa. Tão grosseiro proceder não tem desculpa e chega, em si, para aquilatar da falta de senso do Sr. S. A. Dionízio. Não vou, porém, até ao ponto de supor que o Dr. S. A. Dionízio se tenha firmado na garantia de que a delicadeza de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> não lhe permitiria recorrer, por seu turno, à opinião

Seara Nova, mórmente se o fazem fóra dela. O assunto que originou a polémica era, porventura, e sob mais de um aspecto, irrelevante. Mas desde que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> nele entrou, inicialmente por razões e com vivacidade respeitáveis e depois tão dilatadamente, legitimou-o como assunto de controvérsia. A superioridade na posição de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> está, a meu vêr, na inferioridade da atitude desde logo assumida pelo Sr. S. A. Dionízio. Ele deveria saber ou prevêr que a discussão da pessoa que o ocupava, dificilmente poderia manter-se no campo da apreciação das suas faculdades intelectuais e da sua obra, tanto, numas e na outra, estavam impressas as dedadas de sua personalidade moral: o homem tinha, segundo muitas probabilidades, de vir à discussão. Devia pois atender a que sobre o homem e a obra (por obvios<sup>xx</sup> motivos políticos) não se podia<sup>xx</sup> dizer tudo. Mas esta falta é nada, comparada com a feia acção de, sem nenhuma<sup>xx</sup> caridade, se ter socorrido, na argumentação, de imprecisas opiniões de uma pessoa cujo isolamento devia ser sagrado. Na ância da verdade? Não importa. Tão grosseiro proceder não tem desculpa e chega, em si, para aquilatar da falta de senso do Sr. S. A. Dionízio. Não vou, porém, até ao ponto de supor que o Dr. S. A. Dionízio se tenha firmado na garantia de que a delicadeza de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> não lhe permitiria recorrer, por seu turno, à opinião

[p.4]

daquela pessoa, para o contraditar a ele: é plano muito elaborado para dele supor culpado o Snr. S. A. Dionízio. A falta, mesmo só como a considero, já é bem grave para causar desgosto. Resta saber se tudo considerado é bastante para levar à irradiação da Seara Nova. Parece-me <sup>tudo considerado</sup> isto coisa difícil de apurar porque depende de considerações subjectivas e de estados de espírito ocasionais, e da falta de um decálogo por que tenham de se orientar os seareiros: esta questão do espírito seareiro tem dado lugar a tantas interpretações que estava exigindo formulação exacta. Não posso porém deixar de comparar essa falta com o primeiro deslize do Dr. S. A. Dionízio, concorrendo a um prémio num concurso organizado pelo S. da P. N. Tal iniciativa, sim, é que me parece colidir em cheio com as obrigações que cada um dos que tomam a responsabilidade de ser Amigos ou colaboradores da Seara Nova tem de se impôr. E no entanto passou, praticamente, em julgado. E, segundo concluo, outras faltas beneficiaram da mesma benevolência. E só agora por uma polémica, (fóra da Seara Nova) — campo em que raros se não deixam seduzir pelo brilho das fintas que se jogam, em que os polemistas não podem deixar de se alfinetar segundo as boas regras e não resistem a regozijar-se com um bom argumento ou uma humorada a tempo; por uma polémica, enfim, em que os dois contendores tiveram as mesmas

deputa pessoa, para o contraditar a ele: é plano muito elaborado para dele supor culpado o Sr. S. A. Dionízio. A falta, mesmo só como Comissão, já é bem grave para causar desgosto. Resta saber se <sup>tudo considerado</sup> é bastante para levar à irradiação da Seara Nova. Parece-me isto coisa difícil de apurar porque depende de considerações subjectivas e de estados de espírito ocasionais, e da falta de um decálogo por que tenham de se orientar os seareiros: esta questão do espírito seareiro tem dado lugar a tantas interpretações que estava exigindo formulação exacta. Não posso porém deixar de comparar essa falta com o primeiro deslize do Dr. S. A. Dionízio, concorrendo a um prémio num concurso organizado pelo S. da P. N. Tal iniciativa, sim, é que me parece colidir em cheio com as obrigações que cada um dos que tomam a responsabilidade de ser Amigos ou colaboradores da Seara Nova tem de se impôr. E no entanto passou, praticamente, em julgado. E, segundo concluo, outras faltas beneficiaram da mesma benevolência. E só agora por uma polémica, (fóra da Seara Nova) — campo em que raros se não deixam seduzir pelo brilho das fintas que se jogam, em que os polemistas não podem deixar de se alfinetar segundo as boas regras e não resistem a regozijar-se com um bom argumento ou uma humorada a tempo; por uma polémica, enfim, em que os dois contendores tiveram as mesmas

[p.5]

oportunidades e as aproveitaram, passando o que nela havia de realmente infeliz (que era o assunto mesmo e a falta de generosidade inicial de um dos adversários) para segundo plano, e entregando-se os dois, com igual enlêvo, a medirem o próprio desembaraço de argumentadores, — isso parece-me motivo bem menos forte do que os anteriores, para justificar a irradiação e outras sanções complementares. Terá sido a gota de água que faz transbordar. O peor é que, exactamente na conjuntura o aspecto pessoal inevitavelmente se desenha — e agrava tudo. V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> nega que esse aspecto seja material como factor da sua indignação. Seria indelicadeza da minha parte supor que o afirma sem convicção. Mas todos somos muito pouco cristãos, e sempre arquitetamos razões para, diante de nós próprios, despersonalizarmos os nossos ressentimentos. Talvez por me considerar assim pecador, e por ter conhecimento de outros casos, como o do Dr. R. s Miguéis, em que a legitima indignação de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, verberante como raras vezes a tenho visto, foi caindo e esqueceu, talvez por isto eu tenha tido alguma responsabilidade em sugerir um arranjo em que se apelava para o tempo como elemento moderador da virulência dos sentimentos que esta questão tem feito surgir. Mas longe de mim, e de nós, sugerir uma solução que envolvesse des-

oportunidades e as aproveitaram, passando o que nela havia de realmente infeliz (que era o assunto mesmo e a falta de generosidade inicial de um dos adversários) para segundo plano, e entregando-se os dois, com igual enlêvo, a medirem o próprio desembaraço de argumentadores, — isso parece-me motivo bem menos forte do que os anteriores, para justificar a irradiação e outras sanções complementares. Terá sido a gota de água que faz transbordar. O peor é que, exactamente na conjuntura o aspecto pessoal inevitavelmente se desenha — e agrava tudo. V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> nega que esse aspecto seja material como factor da sua indignação. Seria indelicadeza da minha parte supor que o afirma sem convicção. Mas todos somos muito pouco cristãos, e sempre arquitetamos razões para, diante de nós próprios, despersonalizarmos os nossos ressentimentos. Talvez por me considerar assim pecador, e por ter conhecimento de outros casos, como o do Dr. R. s Miguéis, em que a legitima indignação de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, verberante como raras vezes a tenho visto, foi caindo e esqueceu, talvez por isto eu tenha tido alguma responsabilidade em sugerir um arranjo em que se apelava para o tempo como elemento moderador da virulência dos sentimentos que esta questão tem feito surgir. Mas longe de mim, e de nós, sugerir uma solução que envolvesse des-

primor, abdução, amolecimento, — transformação de diamante  
em chumbo tanto no caracter de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> como nos princípios da  
Seara Nova. Eis uma imagem em que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> se compraz e que, pelo  
uso, perde o valor simbólico, para se consolidar numa realidade  
com valor próprio; Inconveniente sedução das imagens: Pois que  
no caso, em todos nós há um pouco de chumbo e raras esquirolas de  
diamante...

Mas, toda esta questão é profundamente lamentavel. E não raro, no  
aliaz louvavel — afân de a resolver se me afigura que mais de  
uma tem sido posta com pouca propriedade. Não acha V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que é  
pôr mal a questão contar quantas vezes V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> tem concordado com  
o Dr. C. Reys para concluir, por simetria, quantas ele tem de concor-  
dar com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>? Se concordar é diferente de transigir.

Acha V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que é por bem a questão chegar ao dilema cego: entre  
António Sérgio e Santana Dionízio, posta de banda toda a averifunção  
de quem está no erro, e quem, na verdade, — preferir António Sérgio  
Parece-me no seu absolutismo, simples demais, — e nada diamantina.

Quanto ao ter o Dr. C. Reys, posto de parte a opinião do  
Sr. Dr. Azevedo Gomes depois de lha ter pedido, sinceramente digo:

[p.6]

primor, abdução, amolecimento, — transformação de diamante  
em chumbo tanto no caracter de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> como nos princípios da  
Seara Nova. Eis uma imagem em que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> se compraz e que, pelo  
uso, perde o valor simbólico, para se consolidar numa realidade  
com valor próprio; Inconveniente sedução das imagens: Pois que  
no caso, em todos nós há um pouco de chumbo e raras esquirolas  
de diamante...

Mas, toda esta questão é profundamente lamentavel. E não  
raro, no aliaz louvavel afân de a resolver se me afigura que mais de  
uma tem sido posta com pouca propriedade. Não acha V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que  
é pôr mal a questão contar quantas vezes V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> tem concordado  
com o Dr. C. Reys para concluir, por simetria, quantas ele tem de  
concordar com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>? Se concordar é diferente de transigir.

Acha V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> que é por bem a questão chegar ao dilema cego:  
entre António Sérgio e Santana Dionízio, posta de banda toda a  
averifunção de quem está no erro, e quem, na verdade, —  
preferira António Sérgio? Parece-me no seu absolutismo, simples  
demais, — e nada diamantina.

Quanto ao ter o Dr. C. Reys, posto de parte a opinião do Sr.  
Dr. Azevedo Gomes depois de lha ter pedido, sinceramente digo:

[p.7]

se se tratasse apenas de uma opinião nada impedia que se ouvissem outras. Se expressamente se punha nas mãos do Dr. Azevedo Gomes a solução final do problema, então, visto que era final, não comportava apelação... Foi mal não ter ficado explícito se era opinião se era juízo último.

Relativamente à sugestão de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> e do Snr. Dr. Azevedo Gomes, de serem ouvidos os directores ausentes, mesmo nas condições postas por V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> [?] Talvez o primeiro a dizer ao Dr. C. Reis que não devia negar-se a isso, visto que tinha todo o aspecto de ser a solução de ultima instancia, e d'acordo com as normas de organização legal da Seara Nova.

Mas, repito; se transigindo todos um pouco tudo se puder conciliar, — vale a pena o sacrifício, mesmo que a Seara Nova não refulja como escrínio de diamantes, pois que todos somos homens, ninguém tem fatalmente razão e bem preciso é o exemplo de sacrifício legítimo e voluntario por alguma cousa de respeitável e de eficiente como é a Seara Nova.

Terei sido demasiadamente franco no que aí fica? Em todo o caso reitero os meus agradecimentos e os protestos da minha muita consideração.

Admirador e amo. mto. grato  
Alberto Candeias

Se se tratasse apenas de uma opinião nada impedia que se ouvissem outras. Se expressamente se punha nas mãos do Dr. Azevedo Gomes a solução final do problema, então, visto que era final, não comportava apelação. Foi mal não ter ficado explícito se era opinião se era juízo último.

Relativamente à sugestão de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> e do Snr. Dr. Azevedo Gomes, de serem ouvidos os directores ausentes, mesmo nas condições postas por V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> [?] Talvez o primeiro a dizer ao Dr. C. Reis que não devia negar-se a isso, visto que tinha todo o aspecto de ser a solução de ultima instancia, e d'acordo com as normas de organização legal da Seara Nova.

Mas, repito; se transigindo todos um pouco tudo se puder conciliar — vale a pena o sacrifício, mesmo que a Seara Nova não refulja como escrínio de diamantes, pois que todos somos homens, ninguém tem fatalmente razão e bem preciso é o exemplo de sacrifício legítimo e voluntario por alguma cousa de respeitável e de eficiente como é a Seara Nova.

Terei sido demasiadamente franco no que aí fica?

Em todo o caso reitero os meus agradecimentos e os protestos da minha muita consideração.

Admirador e amo. mto. grato  
Alberto Candeias.